

A PRESSÃO SOCIAL NO DESPOLETAR E NA INTERRUPTÃO DO COMPORTAMENTO SUICIDÁRIO. UMA ABORDAGEM NEUROLINGUÍSTICA A PARTIR DAS “RAPARIGAS DE MILLETO”.

Luís Maia

Auxiliar Professor - Beira Interior University
Clinical Neuropsychologist, PhD (USAL - Spain)
Neuroscientist, MsC (Medicine School of Lisbon - Portugal)
Medico Legal Perit (Medicine Institute Abel Salazar - Oporto, Portugal)
Graduation in Clinical Neuropsychology (USAL - Spain)
Graduation in Investigative Proficiency on Psychobiology (USAL - Spain)
Clinical Psychologist (Minho University - Portugal)

Contacto:
lmaia@ubi.pt

RESUMO

No presente artigo apresenta-se uma reflexão socio-psicológica dos fenómenos de despoletação modal das ondas suicidárias bem como um conjunto de mecanismos potencialmente implicados no seu surgimento bem como na sua interrupção, a partir de um caso sobejamente conhecido como 'as rapariga de Millete'.

Palavras-chave: Suicídio, neurolinguística, psicologia social

INTRODUÇÃO

- Tomemos como ponto de referência para iniciar esta minha comunicação acerca do **‘Suicídio, Cultura, e influência da sociedade nas Convicções Humanas’** o seguinte passo de Plutarco, referente a uma moda de suicídios nas raparigas de Mileto, uma das colónias da Grécia Antiga: ‘Todas foram possuídas por um furioso desejo de morrer e uma vontade furiosa de se enforcarem. E muitas foram as que se enforcaram ou estrangularam. O édito que dizia que se mais alguma se enforcasse seria carregada completamente nua à frente de toda a gente pela praça grande, entrou de vez a fúria dessas raparigas’.

O artigo

Se levarmos em consideração que falando de jovens raparigas estamos a falar de um grupo etário muito susceptível à influência de determinados factores relacionados essencialmente com os fenómenos de comparação social (tão característicos nesta idade) será talvez mais fácil explicar como uma moda como esta poderá ter surgido.

Não há dúvidas que a cultura, enquanto ‘entidade’ multidimensional faculta às pessoas um conjunto de formas de agir, actuar, de pensar... no fundo, um conjunto de estéticas de vida (que poder-se-ia dizer que não são mais que correspondentes práticas da exteriorização das nossas motivações mais arcaicas - a que podemos chamar ainda: ‘tendências individuais para a acção’ em interacção com as pressões sociais), a que naturalmente as pessoas são livres de tomar como as suas estéticas de vida ou não. Ou seja, todos nós vamos escolhendo os scripts/guiões de vida que queremos adoptar em que a influência da comparação social tem um forte papel a dizer.

Assim parece-me que a melhor forma de conceptualizar o racional teórico subjacente ao surgimento de tal moda não deverá passar propriamente pela motivação individual de cada rapariga para o acto em si, uma vez que, por um lado, o texto não nos dá informação alguma acerca dos eventuais determinantes individuais, por outro lado, o que temos é uma moda (colectiva), e por isso parece-me mais produtivo, e menos especulativo, colocar o cerne da questão nos fenómenos de imitação (e facilitação) social¹.

De facto esta questão da imitação tem sido apresentada na literatura² como um importante factor motivacional para o suicídio (a sequência ocasional de suicídios numa família, a moda da escolha de métodos e as epidemias de suicídios favorecem estas suposições). Segundo Stengel³ “não é provável”, contudo, “que o desejo intenso de imitar seja o suficiente para que alguém se suicide, a não ser (e é isto que me interessa aqui) que o estado mental predisponha para tal e/ou exista uma relação íntima com a pessoa cujo comportamento é imitado”. Ou seja, por um processo mental de imitação selectiva, denominado de identificação⁴, estas raparigas poderiam muito provavelmente ter adoptado o guião, o script, a estética de vida adoptada pelas raparigas que entretanto se foram suicidando (é caso para dizer que adoptaram uma estética de não-vida...), uma vez que aquele era provavelmente o seu grupo de referência, ou se quisermos, aquelas com quem partilhavam os seus scripts de vida.

¹ Ver trabalhos de Triplet, com a “Facilitação Social”, no rendimento de ciclistas: In. “Manual de Psicologia do Desporto”, de Cruz (1996) & a “Imitação Social” em “Suicídio e tentativa de suicídio”, de Stengel.

² Stengel.

³ Ibidem

⁴ Durkeim - “Le Suicide”

Curiosamente podemos perder nos labirintos escorregadios em que estas raparigas provavelmente tiveram que se embrenhar para justificar, ainda que para si próprias, a sua acção, ou vontade de suicídio: os labirintos da linguagem! De que forma a linguagem teria influenciado o despoletar desta moda? Deve-se ver a linguagem como factor despoletador daquilo a que eu chamaria emoções precipitadoras depressivas, do tipo “perdi a vontade de viver” ou precipitadoras exaltativas, do tipo histeria colectiva... a morte como libertação e perpetuação de um estado conquistado através da morte escolhida, e não de um estado para o qual se é empurrado inopinadamente; ou vê-la como uma simples representação linguística, consequente das vontades, ou se quisermos, das motivações individuais para o suicídio? Daquilo que me foi possível aprender penso estar mais inclinada para a última hipótese. Acredito que a linguagem se apresenta como um reflexo dos sistemas arcaicos, como se fosse um comentador dos comportamentos do indivíduo, sendo aqui o próprio suicídio, hipoteticamente, tal como os restantes comportamentos humanos, o resultado da interacção entre os processos motivacionais mais antigos e pouco conscientes e, acrescentaria eu, o impacto que a própria linguagem tende a exercer nos comportamentos individuais e colectivos. Parece residir aqui o papel principal desta interacção entre a linguagem e a motivação para o suicídio.

Mais importante do que perceber se as raparigas foram guiadas pelas suas emoções ou se estavam motivadas para tal acto, parece-me ser o perceber que esta distinção talvez não faça muito sentido pois emoções e motivações parecem expressar mais ou menos diferentes dimensões de uma mesma estrutura ou fenómeno: ambas estão na génese da preparação para a acção, sendo, eventualmente, as emoções a parte mais visível dessa preparação. Ora a linguagem aqui teria o importante papel de servir de catalisador entre os vários processos emocionais/motivacionais das raparigas, uma vez que a linguagem se apresenta como o principal factor de representação das experiências humanas⁵. Ainda segundo o mesmo autor, este aspecto é tão importante que se pode dizer que vivemos no plano das representações linguístico-simbólicas e não no plano sensorial e accional dos outros animais. Assim a linguagem acaba por se transformar no único acesso que temos às nossas motivações mais profundas (por um mecanismo claro de reificação). Desta feita, acreditamos que a um determinado discurso corresponde um conjunto de motivações e emoções do emissor. Ora, se paralelamente ao discurso se juntar também o próprio acto de suicídio das raparigas de Mileto que foram concretizando o acto, facilmente as outras raparigas poderiam interpretar esse gesto e todo o discurso gerado à sua volta, como a linguagem representativa das emoções do próprio grupo de referência, sentindo-se assim mais “motivadas” para tal, ou encontrando nesse discurso, eu diria, linguístico-corporal, a explicação para a sua própria motivação. É como se em cada área da vida humana houvesse uma pastilha de reificações que as pessoas aceitam tomar ou não, e aqui, estas raparigas teriam então aceite tomar esta pastilha (linguístico-comportamental), uma vez que nesse script escolhido o suicídio era algo racionalmente coerente.

⁵ Cf. Saraiva. “*Ecce Homo Sapiens: da condição humana vista por um etólogo*”.

O que desde o início foi estonteantemente curioso para mim foi perceber como é que um conjunto de raparigas potenciais suicidas, abandonam essa posição, eu diria, essa motivação, tão fundamentada como explanei anteriormente? Se alguém quer, de facto, suicidar-se, de que interessa aquilo que poderão fazer ao seu corpo?

Quase que consigo imaginar, com as devidas salvaguardas, o discurso de uma qualquer das jovens, que bem poderia ser representativo de muitas ou quase todas delas...

“Ontem ao ter decidido suicidar-me, só sentia que esse meu gesto levar-me-ia de encontro às minhas amigas, às minhas colegas, àquelas que como eu tivessem tido o meu acto... Imaginava uma morte até certo ponto inglória, sim... pois ficaria, ainda que por segundos, a espernear e dar os últimos sopros de vida enquanto o enforcamento não se consumasse. Mas depois... seria a glória... Depois seria vista como uma heroína... como uma das que teve a coragem de adoptar esta ‘consciência colectiva’⁶ de insurgimento contra esta podridão social, esta exploração de nós mulheres, esta subversão de valores... enfim, seria mais uma das que, com coragem teria dito um basta!... e provado a todos que não seria esta sociedade alienante que me dominaria. Mas hoje saiu esta lei horrível. Quem é que lhes dá o direito de mostrar o meu corpo nu, pelas ruas da praça? É claro que, depois de morta, seria apenas mais um corpo, mas seria um corpo mostrado na rua. Como dizia Diderot ‘Não me custa ver rabos e mamas, mas não quero que mos mostrem!’⁷ As pessoas, eu mesmo, não gostamos do nu exposto, e não gostamos porque o nu exposto tem um significado muito forte. Diderot está certo, o nu é belo, mas não é para ser exposto publicamente, e é pior se o for contra a vontade do exposto. Como posso permitir que façam isto ao meu corpo? Como eu gostaria de me ter suicidado ontem... é que então eu não teria consciência de que o meu corpo estaria hoje a ser ultrajado em praça pública... e assim essa minha nudez seria uma nudez inconsciente, envolta numa inocência mística, pois caberia a eles a responsabilidade de mostrarem o meu corpo. Mas hoje eu sei o que me espera, e se me suicidar a minha nudez será quase que voluntária, será o reflexo do meu ‘impudor’... condenado pelas autoridades civis, morais ou religiosas... Como posso permitir ao meu próprio corpo esta nudez imposta, o pior dos ultrajes, que me tornaria igual às putas, ladrões, infiéis, hereges, e outros que tais... que são também punidos com estas procissões de nus, com estas flagelações e muitas e muitas outras humilhações? As próprias pessoas não olhariam para o meu corpo e diriam: ‘olhai, que lá vai o corpo nu de fulana de tal...’ mas diriam com certeza: ‘...olhai que lá vai, a puta fulana de tal, que se permite passear nestes trajés - nenhuns!!!-, mesmo estando morta!!!’ Se me tivesse suicidado ontem seria como o Adão, que na Catedral de Chartres ou na de Reims não teme mostrar a sua nudez a toda a humanidade. Ainda não comeu da maçã do pecado!!! Mas hoje, o meu suicídio seria como se, estando consumado o pecado, me cobrisse a mim própria das folhas de figueira, as folhas da vergonha... que me seriam arrancadas por aqueles pulhas, e mostrar-me-iam àqueles cães ávidos pela minha beleza nua... ainda que

⁶ Cf. Durkeim - O.C.

⁷ Cf. Denis Diderot. “Salons”.

estivesse morta! Ainda me lembro do que disse o Rabi hoje, no templo⁸: ‘Na nudez, os autores dos Livros Sagrados⁹ viram muito mais a perda da dignidade humana e social que a possibilidade de uma excitação perigosa, e esta nudez é um estado de miséria e de fraqueza. Segundo ‘Os Livros’, é vergonhoso um adulto ficar reduzido a este estado de criança... o vestuário resume todas as dissimulações que tornam possível a vida social e não apenas as precauções que se tomam para evitar as excitações sexuais’ O Rabi disse ainda que aquelas que se permitirem passear assim, pelo facto de terem cometido suicídio, estarão a perder toda a dignidade que Deus lhes conferiu... estarão a tornar-se em cadelas pecadoras, desafiadoras do pudor divino, e o que as esperará, só poderá ser, com certeza, o inferno’¹⁰.

Algo que poderá ser aliciante é tentar verificar até quer ponto estas raparigas são ou não são realmente livres para fazerem o que quiserem, mesmo que isso implique pôr fim à própria vida. Segundo Rappaport¹¹, do ponto de vista etológico, o comportamento dos animais (os seus padrões de comportamento individuais e de organização social) são especificados geneticamente de maneira rigorosa, embora seja evidente que a aprendizagem desempenha algum papel significativo nos seus modos de vida. Contudo, este processo seria diferente na espécie humana: *“O comportamento e as organizações sociais dos homens são muito pouco determinados pelas suas constituições genéticas. Embora nasçam com necessidades comparáveis às dos outros animais, os homens não nascem programados para satisfazê-las desta ou daquela maneira. Nascem com uma capacidade de adquirir cultura, conjuntos de crenças, convenções (...), dependentes da invenção e uso de*

⁸ Adaptado de uma conferência do R.P. Pie Regamey, de 1967, em que se faz uma breve reflexão sobre o nudismo.

⁹ Faço aqui clara menção aos livros sagrados da religião Judaica, correspondentes à Bíblia nas religiões cristãs. Não menciono propositadamente o cristianismo pois parece-me que a frase de Plutarco, reflecte uma época histórica anterior ao aparecimento dessa corrente religiosa.

¹⁰ Devo confessar que foi com muita relutância que inseri nesta resposta o argumento religioso, de cariz monoteísta (e dualista: céu “contra” inferno), pois sendo a cidade de Mileto; à altura desta passagem narrativa, uma colónia da Grécia Antiga, o que me pareceu mais provável foi que a exemplo da sua metrópole, esta cidade seguisse as mesmas orientações religiosas. Ou seja, não faria sentido integrar um argumento à volta de um Deus (monoteísmo) castigador e condenador das almas impuras e pecadoras, quando a cultura religiosa grega gira à volta de um conjunto de deuses principais (embora Zeus pudesse ser analogicamente relacionado com o Deus monoteísta, por questões de hierarquias divinas), aos quais eram dedicados templos com o objectivo de prestar tributos (Cf. História Universal Comparada . Resomnia Editorial), mas sempre numa perspectiva muito corpórea. Citando Crescenzo (1988), “a religião na Grécia não era lá muito religiosa. Os deuses tinham quase todos os vícios dos mortais: bulhavam, embriagavam-se, mentiam, traíam-se uns aos outros, etc...”. A verdade, contudo, é que nesta altura já há indícios do judaísmo em Mileto, como fica claro nesta transcrição: “O orgulho de Mileto era o seu teatro (...) O visitante que percorrer as galerias encontra nos bancos toda a espécie de inscrições (...) O teatro possuía também um camarote imperial. No meio da 1ª fila, não muito longe do camarote imperial, foi encontrada esta inscrição: ‘Lugar para os judeus, também chamados os piedosos! (...) O templo, tal como a cidade foi destruído pelos Persas em 490 a. C.’” (Cf. História Universal 3). Para que os judeus tivessem um lugar cativo, perto do camarote imperial, num edifício tão importante, e reforço, já naquela data histórica, é fácil agora imaginar que a sua importância e influência devia já nessa altura fazer-se sentir. A juntar a esta incidência religiosa judaica, podemos ainda verificar as influências egípcias (fruto das constantes relações comerciais com a Grécia, via Mileto) pelo culto de Osíris; e dos Persas, pelo Masdeísmo, que, segundo Accioli & Taunay, apresentam já, ainda antes do apogeu do judaísmo, a concepção da sobrevivência, imortalidade que se conquista pela prática da justiça e da virtude (ideia posteriormente defendida pelo cristianismo) sendo algo parecido com a concepção do inferno judaico-cristão o destino para os prevaricadores.

¹¹ Cf. Rappaport. “Homem, Cultura e Sociedade”.

símbolos”. Ou seja, é a dimensão mais cultural que leva a que o Homem haja, viva num mundo, eu diria, acima do mundo da natureza. Ou seja, através de processos de reificações, os Homens atribuem símbolos a um conjunto de aspirações, motivações, crenças, ideologias... gerando um sentimento cultural próprio de um determinado povo; e é esse sentimento cultural que regula a relação desse povo com a natureza, e seria caso para dizer que a natureza, a noção de natureza, acaba por ser “coisificada”, passando a ser representada pela forma etérea da cultura, relacionando-se assim, os Homens, com a cultura, como se da natureza se tratasse. Desta feita, esta natureza (o mundo Kantiano das coisas em si) passa a ser visto pelos Homens, segundo Rappaport¹², através de uma tela (coisificada) composta de crenças, conhecimentos e intenções, e os Homens passam a agir a partir das suas imagens culturais da natureza, e não a partir da estrutura real da natureza. Assim os mecanismos de pressão social, numa sociedade democrática e (democratizante), direccionam-se no sentido de regular os comportamentos dos seus membros para assegurar a boa-ordem, o bem-estar, a preservação do ecossistema, enfim... a preservação da cultura institucionalmente instituída. Em suma, no limite das pressões sociais o indivíduo pode ser considerado como estando esmagado entre processos etológicos e pressões sócio-culturais, quase sem qualquer liberdade de escolha. Aquilo a que se chama ética, para o autor, seria a reificação das pressões sociais exercidas sobre os indivíduos, onde só muito poucos conseguiriam determinar-se por éticas pessoais.

Assim, da mesma forma que a um nível, que eu chamaria, micro-social, ao nível da identificação das raparigas com o seu grupo de referência, a pressão dominante incidiria sobre a precipitação para o suicídio (ainda que não propriamente exercida exteriormente, pelo grupo, mas sentida de dentro para fora; do tipo: “a melhor forma de ser como as raparigas daquele grupo é fazer como elas fazem”); do ponto de vista macro-social, em que o ponto de referência é a sociedade na qual estas raparigas se inserem, a sua liberdade para o suicídio encontra-se completamente sensurada-limitada, a não ser que adoptem éticas mais pessoais (ou pelo menos mais ao nível micro-social). É que para além do próprio suicídio ser “proibido” em termos da “cultura” da maioria das confissões religiosas, com natural incidência para a cultura judaica (uma vez que o cristianismo na Grécia antiga ainda estava por acontecer...), a conseqüente exposição do corpo em praça pública iria infringir algumas das regras culturais mais intrinsecamente conotadas com a mulher desde que o mundo é mundo: o pudor sexual (físico ou moral) e/ou a honra. Para Peristiany¹³, a qualidade que seria exigida a estas raparigas, em relação à honra, seria a vergonha, principalmente a vergonha sexual ou, se quisermos, o pudor. Culturalmente estas raparigas teriam que ser virgens enquanto solteiras e mesmo depois de casadas teriam que permanecer virginais de pensamento e de expressão.

Parece-me ser justamente aqui que fica claro que, ao renunciarem ao suicídio estas raparigas estão a abrir mão das suas éticas pessoais (eu insisto, micro-sociais, enquanto tendo como referência o grupo de “suicidárias”), abrindo mão da sua liberdade individual, uma vez que estão a ceder às pressões sociais para a manutenção deste pudor sexual (ninguém deve permitir-se mostrar as partes

¹² Ibidem

¹³ Cf. Peristiany. “*Honour and Shame - The Values of Mediterranean Society*”.

íntimas em público, mesmo que depois de morto!!!). É que nestas matérias do pudor as raparigas nunca poderiam, culturalmente, recolher-se às suas próprias consciências, pois as suas honras dependem da reputação que a comunidade está disposta a conceder-lhes, e não da realidade (por mais legítima que fosse) das suas motivações “suicidárias”. Estas raparigas protegeriam melhor a sua honra, portanto, se se conformassem em todos os aspectos exteriores dos seus comportamentos, com esse código de vergonha sexual apresentado culturalmente.

Ora, se juntarmos a esta humilhação social o castigo divino prometido à infeliz alma que tivesse cometido o ultraje de tirar uma vida que só a Deus caberia tirar, percebe-se que, para muitas destas raparigas este factor seria concerteza, a juntar aos já referidos, de crucial importância (e não me custa acreditar que pelo menos algumas ou mesmo muitas delas seriam de certa forma abarcadas por uma qualquer cultura religiosa, uma vez que desde sempre a religião, ou a crença na determinação da vida pela adoração a certas divindades, fez parte intrínseca da vida humana). Esta condenação eterna da alma pecadora é um dos mistérios apresentados por quase todas as grandes religiões. Para Schopenhaur¹⁴, longe de poderem ser tomados à letra, o facto é que estes dogmas são aceites pela maioria dos “praticantes” de uma dada religião (este fenómeno parece ser possível explicar por um processo de reificação, onde se transforma tudo para o que não se tem explicação em algo de transcendente).

Esta noção de alma parece nascer da certeza de que o corpo morre e de que a ‘vida projectiva’ da mente (pois esta é o nosso património passado e o futuro a construir), existirá para além do corpo, que afinal é só o presente; o mundo das coisas. Ou seja, para além da morte no mundo ‘coisificado’, permanecerá o mundo do devir, do futuro e do passado histórico, ou seja: a alma imortal. Assim, a certeza de que a condenação perpétua desta alma estaria assegurada pelo suicídio (enquanto pecado para com Deus e para com a sociedade) parece ser um motivo relevante a pesar na decisão destas raparigas. É que ao que parece nós tendemos a não conseguir dissociar as representações de nós próprios do estado actual do nosso corpo. Ora, assim, o facto de as raparigas saberem o que iria acontecer ao seu corpo em caso de suicídio (e não interessa que seja depois de morto, pois o corpo que seria “violado” pela crítica e gozo social, seria aquele corpo que elas de momento, sentem como seu, e não conseguem de todo, dissociar-se dele, mesmo quando projectam a liberdade da alma em relação ao físico). Isto somado ao espectro da condenação-sofrimento perpétuo, que provavelmente poderia ter assomado sobre a cabeça de algumas delas, parece-me ser motivo suficiente para constituir um entrave à liberdade suicidária destas raparigas, parando assim esta moda, talvez tão repentinamente quanto havia surgido. Talvez que muitas delas continuassem, no âmago do seu espírito (chame-se-lhe o que se lhe quiser...) a procurar esta forma de estética de vida... e talvez assim continuem até que alguém mais perspicaz e sensível a estas motivações humanas, olhando para uma destas raparigas, diga: “O rei vai (definitivamente) nu!!!”

Não por acaso deixei para o fim uma breve referência para as reificações. É espantoso como é que o comportamento destas raparigas possa ter inicialmente sido “empurrado” para esta moda e

¹⁴ Cf. Schopenhaur. “*Da necessidade da metafísica*”.

depois ser detido e condicionado, pela simples apresentação de abstrações com se de coisas reais¹⁵ se tratassem. Como é possível que haja um módulo linguístico, como defende Gazzaniga¹⁶, na génese dos nossos comportamentos, seja como causa ou como consequência? Muito provavelmente as razões que estas raparigas deram para o seu comportamento são totalmente inventadas e podem ser completamente falsas. Assim elas não teriam feito mais que construir explicações *a posteriori* para os seus comportamentos, explicações que têm como essencial função assegurar a coerência psicológica dos seus comportamentos, independentemente de serem verdadeiras ou não¹⁷. Esta parece ser a essência da criação das reificações

Desta feita, resta-me concluir que, para mim, a espécie humana parece diferenciar-se essencialmente dos outros animais, na medida em que na procura de uma qualquer felicidade ou sentimento de adaptação, é capaz de fazer de tudo... mesmo vetar-se a si própria a uma arrepiante e eterna ilusão”.

¹⁵ Cf. Chaplin, J., “*Dicionário de Psicologia*”.

¹⁶ Cf. Gazzaniga. “*O cérebro social*”

¹⁷ Ibidem

REFERÊNCIAS

- Chaplin, J.P. (1981). *“Dicionário de Psicologia”*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Cruz, J.F. (1996) (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto*. Braga: SHO - Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Diderot, D. (1984). *“Salons”*, Paris, Hermann, 1984.
- Durkheim, E. (1928). *“Le suicide”*.
- Gazzaniga, J. (1987). *“O cérebro Social”*. Edições Instituto Piaget.
- Peristiany, J.G. (1965). *“Honour and Shame - The Values of Mediterranean Society”*, By George Weidenfeld & Nicholson, Ltd., London.
- Rappaport, R.A. (1956). *“Homem Cultura e Sociedade”*. São Paulo, Ed. Fundo de Cultura.
- Regamey, R.P. Pie. (1967). *O nudismo e a paz original*, conferência dactilografada.
- Saraiva, R.S.N., *“Ecce homo sapiens: da condição humana vista por um etólogo”*, artigo, Departamento de Psicologia da Universidade do Minho, Campus de Gualtar, P-4710, Braga.
- Schopenhaur (1955). *“Da necessidade da metafísica”*, Editorial Inquérito limitada, trad., de Jorge Vilela, Lisboa.
- Stengel, E. (1980). *“Suicídio e tentativa de suicídio”*, Universidade Moderna 64, Pub. Dom Quixote, Lisboa, pp. 55.